



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

Josefa Priscila da Costa Ramos

**LITERATURA E PSICANÁLISE: LENDO AS PERSONAGENS
DE *O RETRATO DE DORIAN GRAY* A PARTIR DA TEORIA
FREUDIANA**

CAMPINA GRANDE – PB

2022

JOSEFA PRISCILA DA COSTA RAMOS

**LITERATURA E PSICANÁLISE: LENDO AS PERSONAGENS
DE *O RETRATO DE DORIAN GRAY* A PARTIR DA TEORIA
FREUDIANA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Suênio Stevenson
Tomaz da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2022

R1751

Ramos, Josefa Priscila da Costa.

Literatura e psicanálise: lendo as personagens de O Retrato de Dorian Gray a partir da teoria freudiana / Josefa Priscila da Costa Ramos. – Campina Grande, 2022.
44 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva".
Referências.

1. Crítica e Interpretação Literária. 2. Análise Literária. 3. Literatura e Psicanálise. 4. O Retrato de Dorian Gray (Oscar Wilde) – Personagens. 5. Segunda Tópica de Freud. 6. Wilde, Oscar, 1854-1900. I. Silva, Suênio Stevenson Tomaz da. II. Título.

CDU 82.09 (043)

JOSEFA PRISCILA DA COSTA RAMOS

**LITERATURA E PSICANÁLISE: LENDO AS PERSONAGENS
DE *O RETRATO DE DORIAN GRAY* A PARTIR DA TEORIA
FREUDIANA**

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao Curso de Licenciatura em
Letras – Língua Inglesa da Universidade
Federal de Campina Grande, como requisito
parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 5 de abril de 2022

Banca examinadora:

Prof. Suênio Stevenson Tomaz da Silva - UFCG

Prof. Garibaldi Dantas – UFCG

Prof. João Pedro W. Amaral - UFCG

CAMPINA GRANDE – PB

2022

Dedico este trabalho à minha mãe,
por sempre me dar a força e o apoio
que preciso.

AGRADECIMENTOS

Esta deveria ser a parte mais fácil deste trabalho, porém eu nunca imaginei que me faltariam palavras para agradecer a todas estas pessoas que de uma forma ou de outra tem um papel tão importante nesta formação, sem elas acredito que eu não teria sequer chegado à universidade. Elas, sem dúvida alguma, foram e são o alicerce desta conquista, é por causa delas que eu cheguei até aqui:

A **Deus**, por ter me conduzido até aqui. Foi Ele quem me sustentou e me deu força para continuar nesse caminho até o momento. Em todos os momentos que pensei em desistir e que eu não seria capaz de realizar esse meu sonho, foi o Senhor que me sustentou e pela graça Dele que estou aqui.

À **Virgem Maria**, por sempre interceder por mim a Deus, e me proteger, me carregando em seu colo de mãe.

À **universidade pública, UFCG**, por ter me proporcionado cursar graduação de Letras - Língua Inglesa, realizando assim meu sonho.

À **minha mãe**. É até difícil encontrar palavras para agradecer a essa mulher que significa tudo para mim. Minha mãe é um exemplo de mulher forte. Ela sempre me apoiou, em todas as decisões que tomei, mesmo naquelas vezes que eu ligava para ela dizendo que não ia conseguir, que eu iria desistir, ela sempre me deu força, mas ao mesmo tempo ela dizia que eu sempre poderia contar com ela. Até hoje ela me apoia, e eu tenho plena consciência de que se não fosse por ela eu não estaria aqui hoje. Sou quem sou por causa dela e de como ela criou a mim e aos meus irmãos, tenho orgulho de ter ela como mãe, e agradeço a Deus todos os dias por isso, e é por tudo que ela fez e faz por mim que, a cada dia que passa eu busco fazer com que ela se orgulhe mais de mim.

Ao **meu pai** por ter me ajudado quase todas as semanas quando precisava ir às aulas e não tinha transporte, além de também me apoiar.

Aos meus irmãos, **Núbia, Fagner, Vânia, Risolaine**, e **Vanessa**, também aos meus sobrinhos **Diego, Cássio e Gael**, aos meus cunhados, **Elvio, Romero e Luan** e minha futura cunhada, **Vanessa**, eles direta ou indiretamente me ajudaram a trilhar esse caminho. Se hoje estou onde estou é porque quando precisei eles estavam lá por mim.

À minha irmã **Leide**, por ter me ajudado diretamente em todos os momentos em que precisei, desde o início do curso até agora, tenho certeza de que não teria conseguido chegar até onde cheguei sem o auxílio dela.

À **Amanda**, que embora não tivemos um bom começo, se tornou umas das pessoas mais importantes da minha vida. Ela é parceira nas “choradeiras” causadas pelo curso, parceira de quase todos os estágios e trabalhos, faz parte daquele grupinho de fofoca “Roommates”, juntamente com Bia, e sempre está lá nos meus melhores e piores momentos, sendo minha conselheira particular. É aquela pessoa com quem se começa debatendo assuntos do curso, e termina conversando coisas aleatórias pela madrugada, além também de ser a única pessoa capaz de me fazer ouvir música em espanhol. Ela me mostrou e ainda me mostra todos os dias, que uma mulher é capaz de ser o que ela quiser, ela tem um papel muito importante nesta minha conquista, e também em quem eu me tornei.

À **Ana Beatriz (Bia)**, uma das primeiras pessoas que me aproximei na UFCG e que se tornou uma das melhores pessoas que já conheci, no curso e na vida. Ainda me lembro do primeiro dia em que nós conversamos sentadas nas escadas do BG, eu sendo bem tímida e ela bem extrovertida. A partir daquele dia nossa amizade só foi crescendo. Ela é aquela pessoa que é parceira em todos os momentos, sendo os de alegria e os de tristeza, seja para comemorar algo ou chorar por conta de uma nota baixa, além daquela pessoa criativa que inventou comigo várias formas de conversarmos em códigos. Eu nunca imaginei que conheceria, na universidade, pessoas tão importantes, mas posso dizer que isso aconteceu. E não tenho dúvidas de que, se hoje eu sou quem sou, é porque aprendi muito com ela.

À **Bianca**, de quem eu não era próxima no início do curso, mas que se tornou uma amiga de verdade, além de parceira em alguns trabalhos e estágios. Pessoalmente, ela sempre foi o exemplo de mulher que eu sempre quis ser, aquela que não conhece a ideia “mulher não pode fazer isso”, posso dizer que se hoje eu não me calo pelo simples fato de ser mulher é porque aprendi isso com ela. Ela é aquela pessoa que a todo momento está tentando me colocar para cima, desde quando acredito que não vou conseguir realizar algo, seja no âmbito acadêmico ou no pessoal, ela sempre está lá dizendo o quanto eu sou capaz. Eu preciso dizer que tenho orgulho de ser amiga dela.

A **Nicolas**, aquele amigo que nem ficou muito tempo no curso, mas que fez uma falta e tanto quando foi embora. Aquele que sempre gostava de pegar o ônibus 333 e levava produtos para as unhas e as mãos. É aquele que nem sempre conversa comigo, mas que tenho centenas de memórias. Também se trata do primeiro -e único até o momento- a me fazer não gostar de um chocolate. De alguma forma ele é responsável por eu estar concluindo mais essa etapa da minha vida.

A **Yuri**, que foi a primeira pessoa com quem fiz amizade. Ele é aquele tipo de pessoa que faz amizade muito facilmente, e foi graças a isso que nos aproximamos. Me lembro da primeira vez que conversamos, quando estávamos na integração e ele perguntou, afirmando, se eu não era colega de curso, foi a partir daí que comecei a me enturmar com os outros. Yuri tem um papel importantíssimo nessa minha conquista, pois contei com ele em vários momentos que achava que não seria capaz, principalmente relacionado às disciplinas, então se hoje eu estou onde estou, nada mais justo do que agradecê-lo por ter me auxiliado a chegar aqui.

Aos meus amigos e colegas **Joeliton (Joe)**, **Carlos** e **Rayssa**, destes um que permanece no curso e os demais que, por algum motivo, não puderam continuar, cada um, direta ou indiretamente foram responsáveis por eu ter conseguido chegar até aqui. Sou muito grata a eles.

A **Mateus**, que é aquele amigo que conheci através de uma amiga, mas que tem um lugar muito especial na minha vida. Ele é aquele tipo de pessoa que, mesmo que passe uma manhã inteira conversando, o assunto não acaba, e as piadas também não. É impossível ficar séria quando se está perto dele. Ele também teve um papel muito importante nessa etapa que está sendo concluída.

À minha professora de Inglês do ensino fundamental, **Luana**, que foi uma das primeiras pessoas que me fez querer trabalhar com o Inglês, foi através das aulas dela que meu amor pelo Inglês se desenvolveu. Ainda lembro do dia, quando eu estava no 9º ano e ela disse que, quando tinha a nossa idade ela já sabia que queria ser professora de Inglês, foi a partir desse dia que eu percebi que era com isso que eu queria trabalhar, então eu apenas me empenhei dia após dia para realizar esse sonho. Além dos conteúdos, ela também me auxiliava com relação a vocabulário e pronúncia. Hoje estou me tornando uma professora de Inglês porque tive ela como exemplo.

Aos meus amigos **Edivânia (Edi)**, **Emanuel (Néu)**, **Igor, Itapuan, Luciano, Maria, Rildo e Roberta (Betinha)** que me auxiliaram desde o início, seja me incentivando a realizar este sonho, ou me aconselhando e também torcendo por mim.

Aos **meus irmãos em Cristo**, que sempre me auxiliaram em forma de oração, e sempre me acolheram tão bem.

Ao professor **Suênio** por ter aceitado embarcar nessa pesquisa comigo, mesmo não tendo muito conhecimento a respeito da ideia principal, ele sempre me auxiliou e me deu a força e motivação que eu precisava para seguir com este trabalho. Mesmo nos momentos em que eu pensava em mudar a ideia da pesquisa por achar que não seria capaz de analisar dentro de um ramo tão complexo como a psicanálise, ele sempre enfatizava que acreditava na minha capacidade e que eu iria conseguir concluir esse trabalho.

Aos professores que fizeram parte dessa minha jornada universitária. Agradeço a todos em nome do professor **Normando** que sempre foi tão paciente e prestativo, entendendo nossas dificuldades, sendo aquele exemplo de profissional que desejo me tornar; em nome da professora **Danielle** que foi responsável pelo crescimento do meu amor à literatura, principalmente ao gênero lírico, do qual tinha certa aversão, mas que atualmente sinto exatamente o contrário; e em nome do professor **Garibaldi (Gagah)** por ter me feito desenvolver a criticidade através dos textos literários, e observá-los de diferentes pontos de vista. Além de agradecer aos demais profissionais da Unidade Acadêmica de Letras - UAL, por serem tão prestativos e estarem sempre dispostos a ajudar, seja através de uma documentação, uma assinatura ou uma informação.

À **Neide** pelas dicas e questionamentos feitos durante as aulas e apresentações na disciplina Monografia em Língua Inglesa, que me auxiliaram na produção do trabalho, em se tratando de termos utilizados e diversas outras questões que muitas vezes não estavam tão nítidas, me fazendo atentar aos detalhes, para uma melhor clareza do conteúdo da pesquisa.

À banca, **Garibaldi e João Pedro**, por ter dedicado um pouco de seu tempo para ler o material e também dispor-se a avaliar minha apresentação.

In this world there are only two tragedies. One is not getting what one wants, and the other is getting it.

Oscar Wilde, Lady Windermere's Fan

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

Antonio Candido, Direito à Literatura

RESUMO

O romance *The Picture of Dorian Gray* [*O Retrato de Dorian Gray*], do irlandês Oscar Wilde, é o trabalho mais conhecido do escritor, porém não o único. Trata-se da história de Dorian Gray, um belo rapaz que posa para um amigo seu, e que a partir de um quadro com uma pintura sua, passa por uma transformação de personalidade, enquanto sua aparência física permanece a mesma durante os anos, e o quadro sofre as ações do tempo. Tendo sua primeira edição lançada em 1890, possui um grande acervo de trabalhos relacionados desde então, sendo estes sobre diversas temáticas dentro da obra, em sua maioria, relacionados à beleza ou a algum outro tópico sobre a era vitoriana, sendo quase nulos os trabalhos que relacionem a obra escolhida com a psicanálise, mais especificamente à linha de pesquisa freudiana. Por esta razão, este trabalho buscará fazer uma pesquisa da categoria personagem se embasando em Candido (2009) e Eagleton (2017) que nos oferecem em suas obras algumas definições, características e tipologias de personagem de ficção, fazendo então uma ponte entre a literatura e a psicanálise, se fará uma análise das três principais personagens do romance, Dorian Gray, Lorde Henry Wotton e Basil Hallward, dentro da teoria freudiana chamada de segunda tópica de Freud, pela qual o autor explica sobre o aparelho psíquico humano e como ele é dividido, mas ao mesmo tempo estão interligados. A partir disso, analisaremos como as três personagens podem ser ilustrações destas instâncias que são denominadas como ego, id e superego. Para a realização desta pesquisa, se levará em consideração os diálogos e os pensamentos das personagens apresentados através da voz narrativa.

Palavras-chave: *O retrato de Dorian Gray*. Oscar Wilde. Personagens. Segunda tópica de Freud.

ABSTRACT

The novel *The Picture of Dorian Gray*, written by the Irishman Oscar Wilde, is the writer's best known work, but not his only one. It is the story of Dorian Gray, a handsome young man who poses for a friend of his, and from a painting of himself, undergoes a transformation of personality, while his physical appearance remains the same over the years, and the painting suffers the actions of time. Having its first edition released in 1890, it has a large collection of related works since then, on various themes within the work, mostly related to beauty or some other topic about the Victorian era, and there are almost no works that relate the chosen work to psychoanalysis, more specifically to the Freudian line of research. For this reason this work will seek to do a research of the character category based on Candido (2009) and Eagleton (2017) that will bring in their works some definitions, characteristics and typologies of character in fiction, making then a bridge between literature and psychoanalysis, an analysis of the three main characters in the novel, Dorian Gray, Lord Henry Wotton and Basil Hallward, within the Freudian theory called Freud's second topic, which the author explains about the human psychic apparatus and how it is divided, but at the same time are interconnected. From this, we will analyze how the three characters can be illustrations of these instances that are called ego, id, and superego. In order to carry out this research, the dialogues and thoughts of the characters presented through the narrative voice will be taken into consideration.

Keywords: *The Picture of Dorian Gray*. Oscar Wilde. Characters. Freud's second topic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. UM EGO INFLADO PELA BELEZA: DORIAN GRAY.....	17
2. O ID CONSCIENTE: LORDE HENRY WOTTON	26
3. O SUPEREGO E A CONTENÇÃO: BASIL HALLWARD	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, conhecido por Oscar Wilde, era um escritor Irlandês, e um dos apoiadores do movimento do Esteticismo, sendo um dos principais divulgadores deste. Também se tornou muito conhecido por suas peças como O “*Leque de Lady Windermere*” (1892) e “*A Importância de ser Prudente*” (1895) que trazem a crítica e ironia tão comuns nas suas obras. Além de peças, ele também escreveu *The Picture of Dorian Gray* [*O Retrato de Dorian Gray*], que apresenta em sua essência o próprio Esteticismo, que defende o ‘belo’ como solução para tudo que, de alguma forma, denigre a sociedade (WILDE, 2014). O romance tem sua primeira edição publicada em 1890, durante a “Era Vitoriana”, e passou por algumas mudanças por não ter sido aceito pela sociedade inglesa da época, sendo considerado uma obra escandalosa e cheia de imoralidades. Suas personagens possuem algumas características como a ingenuidade, a pureza, a moral, que, no decorrer da obra, vão mudando – se moldando -, por se deixarem influenciar umas pelas outras e/ou pela sociedade.

A personagem Dorian Gray, modelo do retrato que dá início ao enredo, é inicialmente ingênuo, não corrompido. Após conhecer Basil Hallward, e este pintar o seu retrato, mostrando um Dorian que até o momento o próprio não conhecia, e conhecer Lorde Henry Wotton, um homem casado que reprime seus desejos em vista de ser bem quisto pela sociedade, Dorian sofre uma grande mudança causada pela influência de ambos, a qual é percebida no decorrer da obra. Trata-se de um romance narrado em terceira pessoa, que retrata o desenvolvimento de Dorian Gray, o poder que os que o cercam exercem sobre si, a relação dele com o retrato, como sua personalidade é exposta nele, e como a beleza física é capaz de esconder até mesmo um monstro. Embora o quadro seja o elemento mais emblemático na obra, tendo em vista que dá título ao romance, é importante ressaltar que é a partir do encontro das três personagens citadas anteriormente, e de uma de suas conversas, que a história vai se desenrolar. As duas personagens, Basil Hallward e Lorde Henry Wotton, são responsáveis pelo andamento do enredo e pela mudança de um quadro que deveria ser igual aos outros, mas que esconde um segredo. A construção dessa história representa o motivo que torna interessante um estudo voltado para as personagens.

A partir desta descrição é desenvolvida uma pesquisa, a qual se propõe a analisar as três personagens, Dorian Gray, Basil Hallward e Lorde Henry Wotton, caracterizando-as e, também, dentro da segunda tópica freudiana (Ego, Id e Superego), como estas se classificam dentro da teoria, na qual Freud faz uma investigação sobre o modelo estrutural da psique humana, e apresenta o ego, Id e superego, e como eles se relacionam entre si, contribuindo para o bom funcionamento do aparelho psíquico.

A partir do levantamento bibliográfico em torno da obra de Oscar Wilde e produções críticas da mesma, foi encontrado um vasto acervo de trabalhos, sendo muitos destes sobre a beleza, outros sobre aspectos da época – Era Vitoriana – presentes no romance, mas foram quase nulos os trabalhos acerca do estudo de personagens apoiados na segunda tópica de Freud. Dessa forma, justifica-se ainda mais uma reflexão literária nesta linha. Assim, realizaremos uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico que, de acordo com o que é apresentado por Moreira e Caleffe (2008), se define como um estudo desenvolvido a partir de materiais já elaborados, como livros e periódicos, e como se trata de uma pesquisa literária “na maioria dos casos, descrever a metodologia separadamente implica repetir aspectos da questão apresentada ou da fundamentação teórica” (Durão, 2020, p. 67). Por esta razão, não será dedicado um capítulo exclusivamente para teoria e procedimento, uma vez que, como coloca Durão (2020), a pesquisa em literatura se estabelece através da seguinte equação: interpretação mais aparato acadêmico.

Como já foi evidenciado, a fonte primária da pesquisa é o romance *The Picture of Dorian Gray* [*O Retrato de Dorian Gray*], visto que o estudo em questão se pauta nas personagens como categoria de análise. Para esta análise, recorreremos à obra publicada em 2014 pela editora Landmark, ao qual trata-se de uma edição bilíngue, e apresenta a narrativa lançada no ano de 1890, contendo treze capítulos, sete a menos do que a segunda edição, lançada no ano seguinte à primeira, incluindo assim as partes tidas como imorais segundo a sociedade Inglesa, como por exemplo, referência a personagens homossexuais, sem o foco ao passado da personagem de Dorian Gray que, segundo os críticos da época, tornara a transformação psicológica da personagem mais crível (WILDE, 2014).

Quanto à fonte secundária, trata-se das discussões a respeito das personagens, no caso desta pesquisa mais especificamente em relação à teoria

freudiana sobre o ego, o id e o superego, e como se relaciona às personagens Dorian Gray, Lorde Henry Wotton e Basil Hallward, e para tal serão levados em consideração os diálogos, pensamentos e comportamentos.

Alguns elementos deste estudo encontram-se presentes em qualquer pesquisa, independentemente se na área da literatura, da linguística, das engenharias ou demais áreas, são eles: a leitura, a escrita e a orientação, e estes de certa forma estão interligados, dado que um leva ao outro. Na orientação são apresentadas algumas leituras referentes à pesquisa, sendo o *corpus*, ou leituras sobre teorias que servem de base. Da mesma forma, a leitura está vinculada à escrita, seja através de bloco de notas, fichamentos, e até mesmo desenvolvimento da pesquisa, com base nos textos. A escrita, por sua vez, também se ligará à orientação, uma vez que o orientador está sempre observando a produção do orientando e dando o apoio necessário para que o texto esteja claro e dentro do que propõe a pesquisa.

No primeiro capítulo do presente trabalho, será explorado o protagonista do romance, Dorian Gray. Inicialmente, trazendo uma breve descrição sobre a obra e os que a compõem, dedicando mais atenção àquela já mencionada. Será, então, também retratada a ideia de personagem de ficção apresentada pelos teóricos Candido (2009) e Eagleton (2017), para que não haja uma confusão em relação ao leitor da obra, e ele acabe por confundir Dorian Gray com alguém real, como o próprio autor, o que é comum de acontecer. Comentadas então estas ideias, será iniciada a análise propriamente dita, partindo da definição do ego, instância que é representada no romance através do protagonista, seguindo pelas passagens do romance que trazem em si elementos que podem ser interpretados desta forma.

O segundo capítulo, que terá como personagem mais explorada Lorde Henry Wotton, trará alguns aspectos sobre a obra analisada, como o fato de que embora não seja protagonista, a presente personagem é a que contém o repertório de falas mais conhecidas dentro do romance. Partindo daí, será apresentada a segunda tópica de Freud, especialmente trazendo a segunda instância retratada neste trabalho monográfico, partindo de sua definição e de aspectos em que a personagem e o Id se assemelham, podendo assim relacioná-las e determinar, de acordo com a presente interpretação, que Wotton trata-se da representação desta instância.

O terceiro capítulo será dedicado de maneira mais exclusiva à personagem Basil Hallward, pintor autor do retrato presente no título do romance, e iniciará apresentando a dualidade presente na obra, que pode ser entendida como uma disputa entre duas forças que buscam exercer algum poder sobre um terceiro. Em seguida, baseando-se no trabalho de Candido (2009) sobre a personagem de ficção, trataremos uma ideia pensada primeiramente por Mauriac, e visualizada através do texto de Candido (2009) de que algumas personagens podem e são inspiradas em pessoas reais, sejam elas figuras públicas ou até mesmo um vizinho do autor, assim como o caso de Basil, já que este foi inspirado em um amigo de Wilde que possuía o mesmo nome e também era pintor. Partindo desta apresentação sobre seres humanos que servem de inspiração para personagens, trataremos da segunda tópica freudiana (ego, id e superego), enfatizando o superego, uma vez que, de acordo com o presente estudo, seria representado no romance através de Basil Hallward, e nele discutiremos sobre a definição desta instância além de explorar diversos trechos nos quais é possível perceber que as características de ambos, personagem e instância, se assemelham de modo a não ser possível observar um momento em que elas dissociem uma da outra.

Já que esta pesquisa tem como objeto principal as personagens, teremos como base teórica alguns autores, como Candido, que na obra “A personagem de ficção” (2009) apresenta um estudo acerca das personagens do romance, das suas características ou tipologias, e Eagleton, que em “Como ler literatura” (2017) traz uma discussão a respeito de quem são e como/a partir de que são criadas. Em se tratando da temática “ego, id e superego”, teremos como base Freud com “O ego e o id e outros trabalhos” (1976), discorrendo sobre a mente humana, em especial a segunda tópica, apontando suas especificidades, e Jolibert em “Sigmund Freud” (2010) abordando algumas temáticas presentes nos trabalhos deste.

1. UM EGO INFLADO PELA BELEZA: DORIAN GRAY

The Picture of Dorian Gray [O Retrato de Dorian Gray] é o único romance de Wilde sendo a obra mais conhecida, e tem sua primeira edição lançada nos anos finais da “Era Vitoriana”, período do reinado da Rainha Vitória e que possui um marco significativo na Literatura. Dentre vários movimentos, um dos que surgem nessa época é o Esteticismo, movimento criado a partir de Walter Pater, que tem vários artistas como apoiadores, incluindo Wilde, e apresenta como principal ideal o ‘belo’, e como os valores estéticos predominam diante dos demais aspectos da vida (WILDE, 2014). A obra retrata a vida da sociedade Inglesa da época e traz em sua narrativa algumas críticas, uma das quais é em relação a como as pessoas daquela época se importavam com a aparência. Wilde apresenta em seu romance o quanto podre pode ser a alma daqueles que são sempre bem-vindos e convidados a estarem presentes nos eventos sociais. O maior exemplo é a personagem principal, que embora tenha uma aparência invejável: “No centro da sala, fixado a um cavalete perpendicular, estava um retrato de corpo inteiro de um jovem homem de extraordinária beleza pessoal” (WILDE, 2014, p. 15), possui uma alma tão horrenda, que a simples ideia de visualizá-la pode levar à morte, como realmente acontece no decorrer da narrativa, com a morte do amigo.

Há vários elementos em um romance, os quais sempre nos chamam a atenção e conseguem nos prender dentro da narrativa, e um desses é a personagem, que talvez por ser o que há de mais vivo dentro do romance (CANDIDO, 2009), já que é através dela que a história vai se desenrolar, acabamos por nos apegar mais, até certo ponto, a essa categoria, tendo em vista que seria aquela que está mais próxima de nós, se levarmos em consideração a semelhança desta com o ser humano. Por esta razão, estudos sobre personagens são facilmente encontrados, uma vez que há vários trabalhos abordando este elemento tão importante da ficção, através do qual o autor consegue despertar no leitor vários sentimentos, tais como simpatia, empatia, raiva, dentre outros. Dependendo de quão ligados a elas os leitores estão, estes chegam a se sentir tão próximos como se fosse um vizinho muito querido. Isso acaba por fazer o leitor, muitas vezes, pensar a personagem como um ser humano, alguém real, e por este motivo, tanto Candido (2009) quanto Eagleton (2017) dedicaram um estudo sobre a personagem de ficção, partindo da desconstrução da ideia desta como um ser real.

Em seu trabalho intitulado “A personagem de ficção”, Candido (2009) traz um estudo acerca da “personagem do romance”, no qual logo no início ele afirma que “A personagem é um ser fictício” (CANDIDO, 2009, p. 52). Embora Candido (2009) explique que faz parte da ideia da personagem parecer viva no enredo, ela é responsável por isso, já que tudo o que acontecer na história será por ação sua. Não se pode entender uma ficção como algo real, algo concreto que aconteceu ou está acontecendo, trata-se apenas da imaginação do autor, e do seu esforço em transformar isso em um bom romance.

Eagleton (2017) também propõe um estudo sobre a desconstrução da ideia da personagem de ficção como um ser real:

Uma das maneiras mais usuais de desconsiderar a “literariedade” de uma peça ou de um romance é tratar seus personagens como se fossem pessoas de carne e osso. [...] Ele não era nada, simplesmente não existia [...] é apenas um conjunto de sinais pretos numa página (EAGLETON, 2017 p.49).

O crítico ainda vai além e diz que as personagens não possuem um passado, e ainda mais, elas sequer existem até que o livro onde estão presentes seja lido.

É importante que haja essa desconstrução, já que muitas vezes o leitor é levado a imaginar como deve ter sido o passado da personagem, ou o que terá acontecido para que ela chegasse àquela situação, ou ainda como ela conseguiu se livrar de determinado problema, pois não foi dito ao leitor como tudo ocorreu. Na verdade, segundo os autores citados, não deve haver esse tipo de pensamento, pois aquela situação não aconteceu, já que no enredo, só existe ou existiu o que ali foi citado e mostrado. Esta é uma questão que foi experimentada pela obra analisada, haja vista que o destino da personagem principal, Dorian Gray, não foi tido como crível pela sociedade da época; as pessoas se questionavam o que poderia ter acontecido, no passado, para que o protagonista tomasse esse rumo em sua vida. E foi a partir desse pensamento que o autor se viu “obrigado” a acrescentar um passado para publicar na segunda edição do romance. Isso acontece justamente pelo fato de não conseguir separar o que é real do que é ficção.

Para o ser humano, é fácil julgar outro ser de acordo com o exterior, como características físicas, por exemplo, já que é algo visível, ora, se uma pessoa encontra outra e percebe que os seus olhos são verdes, seu julgamento é correto, é algo que qualquer um pode ver e comprovar; a mesma coisa não acontece quando

se trata do interior, sentimentos, pensamentos, personalidade, uma vez que, ao julgar o comportamento de alguém não se pode ter certeza do porquê daquilo, tendo em vista que sua personalidade, seu eu não está visível. É a partir daí que a literatura se beneficia das investigações da psicologia, tratando as personagens como se fossem seres humanos, uma vez que reconhece que o leitor só é capaz de acessar aquilo que o autor permite, tendo condições de julgar corretamente apenas o exterior. Portanto, se levarmos em consideração a obra analisada, podemos observar que diferente do que foi dito, era possível julgar a personalidade do protagonista através do quadro, porém assim como escondemos nossas reais emoções, Dorian esconde o retrato de todo mundo, para que ninguém possa conhecer o seu eu verdadeiro, permitindo apenas que conheçam a parte bela de si.

Ele suspirou e tocou a campainha. O retrato deveria ser escondido a todo custo. Ele não podia correr novamente nenhum risco de ser descoberto. Tinha sido loucura da parte dele deixar que a coisa ficasse, mesmo que por uma hora, em uma sala a que todos os seus amigos tinham acesso (WILDE, 2014, p. 133).

Sendo assim, como a literatura se utiliza das investigações da psicanálise, este trabalho também o fará, uma vez que traremos uma análise dentro da segunda tópica de Freud (Ego, Id e Superego), que foi pensada após a insatisfação acerca do primeiro modelo, modelo este que separava o aparelho mental em duas instâncias, o consciente e o inconsciente:

Insatisfeito com a primeira tópica ou "Modelo Topográfico" como era conhecido, porquanto esse não conseguia explicar muitos fenômenos psíquicos, Freud elaborou uma segunda teoria, a segunda tópica. Na segunda tópica, Freud estabeleceu a sua clássica concepção do aparelho psíquico, conhecido como "modelo estrutural" ou "dinâmico", tendo em vista que a palavra "estrutura" significa um conjunto de elementos que têm funções específicas, porém que interagem permanentemente e se influenciam reciprocamente. Essa concepção estruturalista ficou cristalizada em "O ego e o id", de 1923, e consiste em uma divisão da mente em três instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego (LIMA, 2010).

Como o aparelho psíquico do ser humano é algo muito complexo, Freud dedica vários estudos sobre esse assunto, e dentre eles elabora a segunda tópica, que como visto, trata-se de uma pesquisa que separa o aparelho mental em três instâncias psíquicas: o ego, id e superego, e nos mostra que cada uma destas se diferem em algum ponto, mesmo interligadas entre si. Elas vão se diferenciar

justamente no momento de o indivíduo executar a ação, estando umas mais abertas para aceitar aquele estímulo e outras totalmente contra. No primeiro momento, gostaríamos de trazer a primeira instância, o ego, para a qual Freud não dedicou muitas palavras ao defini-la; para ele “formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu *ego*” (1976, p.10). Em outras palavras, podemos entendê-lo como instância responsável por filtrar os impulsos, de modo a saber exatamente quando se render a ele ou não. Esta instância está totalmente ligada ao id e ao superego, que serão definidos posteriormente, e por estar também ligada ao exterior foi mudada e moldada de acordo com as normas da sociedade:

O ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt.-Cs.*; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões (FREUD, 1976, p. 15)

Se levarmos em consideração a definição do termo ego, podemos fazer uma relação deste com a personagem principal do romance: Dorian Gray. O ego, como mencionado, está ligado diretamente às outras instâncias. Assim como Dorian Gray tem uma ligação direta com seus amigos Basil Hallward e Lorde Henry Wotton, da mesma forma o ego sofre influências das duas, como podemos observar em alguns trechos, nos quais Dorian Gray acaba influenciado pelos dois amigos, algumas vezes se negando a ceder a um ou ao outro.

Para podermos perceber realmente as influências sofridas, temos que, antes de tudo, analisar como é o comportamento do protagonista, para a partir daí, observar o quanto suas mudanças dizem respeito aos seus amigos, e por qual ele mais se deixou influenciar. Na seguinte passagem, percebemos a imagem que a personagem passava para os outros, como ele era externamente: “toda a sinceridade da juventude estava ali, bem como toda a pureza passional da mocidade. Sentia-se que ele se mantivera imaculado pelo mundo” (WILDE, 2014, p. 35). Como pode-se observar, ele aparentemente era uma pessoa que tentava e se mantinha puro, seguindo todas as normas sociais, e isso era perceptível até em sua aparência.

Para ilustrar a influência causada pelas outras duas personagens, os seguintes fragmentos mostram, respectivamente, através da fala de ambas o desejo de moldar Dorian Gray a seu modo. Em se tratando de Basil Hallward (superego), reprimir todas as emoções enviadas por Lorde Henry (id) impedindo este de corromper seu amigo, “não sei o que Harry andou dizendo a você, mas certamente o fez adquirir a mais maravilhosa expressão. Suponho que ele o andou elogiando. Você não deve acreditar em uma só palavra do que ele diz” (WILDE, 2014, p. 41). Já no que se refere a Lorde Henry, a busca da satisfação de todos os desejos, sem se preocupar para nenhum fator externo:

“Dê valor à sua juventude enquanto a tem. Não desperdice o ouro dos seus dias ouvindo aos tediosos, tentando melhorar os fracassados sem esperança, ou desperdiçando sua vida com os ignorantes, os comuns e os vulgares: são estes os objetivos, os falsos ideais do nosso tempo. Viva! Viva a vida maravilhosa que há em si! Não deixe que nada seja perdido. Procure sempre novas sensações. Não tenha medo de nada” (WILDE, 2014, p. 45).

Ao observarmos o seguinte excerto do texto, percebemos mais uma vez e claramente, que Dorian Gray é a representação do ego, uma vez que embora esteja sentindo aquele impulso, ele sabe que não deve ceder, assim como o faz o ego, que sente o mesmo que o id, mas sabe que não pode permitir-se realizar aquele desejo:

Observou-a com aquele estranho interesse pelas coisas triviais que tentamos pôr em prática quando coisas de maior importância nos amedrontam, ou quando somos agitados por uma emoção nova para a qual não encontramos um meio de expressão, ou quando um pensamento que nos aterroriza faz um súbito cerco ao cérebro e nos convida a ceder (WILDE, 2014, p. 45).

Podemos analisar que nesta passagem a personagem está ciente das emoções, do que ela está sentindo, tudo isso sendo fruto das palavras de Lorde Henry, mas de alguma forma ela tenta reprimir, buscando auxílio nas coisas à sua volta; este é o papel do ego. Existem outros fragmentos que provam este argumento, pois, se observarmos bem a personagem que é modelo do pintor Basil Hallward, num primeiro momento é amigo apenas deste e segue, ou pelo menos busca seguir à risca, todas as normas sociais da época; é alguém visivelmente puro, ou levando em consideração os estudos de Candido (2009), pelo menos externamente falando é assim que podemos defini-lo, uma vez que é o que o autor nos leva a pensar. E ao

conhecer Lorde Henry Wotton, Dorian passa a ser influenciado por ele, cedendo, cada vez mais, a suas vontades.

Em algumas das falas, comportamentos ou pensamentos da personagem principal, apresentados pela voz narrativa, é possível identificar que algo no protagonista está mudando; que ele, de repente, está percebendo a presença de algumas sensações que até então ainda não tinham se manifestado, como se estas não existissem antes de ele conhecer Lorde Henry, ou seguindo para a nossa pesquisa, antes do id exigir uma resposta a todas as emoções sentidas.

Por quase dez minutos ele ficou parado, imóvel, com os lábios entreabertos, e os olhos estranhamente brilhantes. Tinha a vaga consciência de que impulsos inteiramente novos trabalhavam dentro dele e que pareciam vir de fato dele mesmo. [...] sentia estar vibrando e pulsando agora em curiosas palpitações (WILDE, 2014, p. 39).

Como observado, Basil e Lorde Henry aqui exercem papéis importantes na formação de Dorian Gray, ou melhor dizendo deformação, se levarmos em conta o retrato que foi se deteriorando de acordo com a degradação da alma do protagonista. Eles são como uma extensão física de si mesmo, uma vez que ambos pensam de maneira diferente e buscam fazer com que Dorian aja da maneira desejada por eles. Por esta razão é impossível falar sobre o ego sem fazer menções frequentes ao id e ao superego, uma vez que ambos estão interligados, e o ego seria justamente o ponto de conexão entre eles. E, embora o elo entre Dorian e Lorde Henry tenha sido Basil, a partir do momento da apresentação de ambos, Dorian começa a ser o ponto de convergência, todas as ações e falas dos amigos agora giram em torno de Dorian Gray. Em uma de suas conversas com Basil, Dorian demonstra a força que Lorde Henry exerce sobre si, levando em consideração tudo o que Lorde Henry disse-lhe para ser/fazer e vivendo isso, como é possível observar no seguinte trecho:

“[...] Somente pessoas superficiais precisam de anos para se livrar de uma emoção. Um homem que é senhor de si pode acabar com uma tristeza tão facilmente quanto pode inventar um prazer. Não quero ficar à mercê das minhas emoções. Quero usá-las, desfrutá-las e dominá-las” (WILDE, 2014, p. 121).

Ainda em outro momento do romance, o narrador nos oferece um pensamento do protagonista, no qual este admite para si mesmo a influência do amigo, quando ele percebe que algo que Lorde Henry lhe disse na primeira vez que se encontraram se tornou um estilo de vida para si. Aquelas sensações que foram despertadas a partir

do momento que se conheceram e que o assustou no início, agora faziam com que ele as satisfizesse sempre, e quanto mais o fazia, mais forte elas demonstravam ser, exigindo sempre mais atenção da parte dele:

Aquela curiosidade sobre a vida que, muitos anos antes, lorde Henry havia pela primeira vez lhe atizado, quando se sentaram juntos no jardim de seu amigo comum, parecia aumentar conforme ele a satisfazia. Quanto mais conhecia, mais desejava conhecer. Tinha apetites loucos, que se tornavam mais vorazes à medida que os alimentava (WILDE, 2014, p. 151).

Como já mencionado, o ego, que está ligado diretamente ao id, experimenta as mesmas sensações deste. No que se refere a este trabalho monográfico, o id é representado por um dos amigos de Dorian, e por se tratar de outra pessoa não significa que tudo o que ele sente Dorian vai também sentir, pois afinal são duas pessoas distintas. Entende-se, portanto, que ambos representam de certa forma essas instâncias, e por este motivo, em algumas partes da obra de Wilde, Dorian menciona Henry como a pessoa responsável por sentir, ou pelo menos, começar a perceber determinadas sensações, não que Lorde Henry envie para Dorian Gray suas emoções. Dorian torna-se discípulo de Henry, se estabelecermos uma relação analógica com a Bíblia, já que sua vida era o espelho do que Lorde Henry dizia, e em uma de suas conversas Dorian acaba afirmando isso “Não acho provável que me case, Harry. Estou apaixonado demais. Esse é um de seus aforismos. Estou-o colocando em prática, como faço com tudo o que você diz” (WILDE, 2014, p. 61). Neste trecho é possível perceber que toda sua vida gira em torno de seu amigo e seus ensinamentos e que a influência de Harry é de certa forma estranha até para si mesmo, pois ele não consegue entendê-la bem, apenas pode afirmar que ela de fato existe: “Você tem uma influência estranha sobre mim” (WILDE, 2014, p. 67).

Assim como qualquer personagem redonda, Dorian muda ao longo da narrativa, o que pode ser evidenciado pelos estágios na sua trajetória dentro do romance. Primeiramente, ele era uma pessoa pura, sem corrupção, alguém que transmitia uma sensação boa para os outros. Assim como uma bela aparência, possuía também uma alma boa. Mas como todas as pessoas, ele passou por mudanças, tanto por influência dos que estavam ao seu redor como da sociedade em si, afinal todos possuem a fase de amadurecimento, mudando suas atitudes e pensamentos, podendo até parecer uma pessoa completamente diferente. E foi justamente a partir desta fase que Dorian começou a perceber a corrupção da sua

alma, porém mesmo vendo o quão horrenda ela estava se tornando, o desejo pelas coisas novas que lhe foram apresentadas e a satisfação de não precisar reprimir nada, o fez se importar cada vez menos com o monstro que sua alma estava se tornando. Após o ápice da sua crueldade, que pode ser entendido como o desejo de pôr fim à vida de alguém tão próximo, ele finalmente começa a refletir sobre si: “era mesmo verdade que ninguém era capaz de mudar? Sentia uma saudade imensa da pureza imaculada de sua juventude” (WILDE, 2014, p. 219), e é neste momento que é possível perceber certo arrependimento de quem ele se tornou e desejo de tentar reverter isso. É quando este desejo aparece que Dorian vai a fonte responsável pela maioria de suas mudanças e explica-lhe como ele está se sentindo e que a partir daí ele será uma pessoa boa, pois não quer mais que sua alma permaneça tão horrenda e corrompida:

“Eu passei por tudo isso”, disse Dorian, balançando a cabeça e sorrindo. “Estou completamente feliz agora. Sei o que é a consciência, para começar. Não é o que você me disse que era. É a coisa mais divina que existe em nós. Não zombe, Harry, nunca mais, pelo menos não diante de mim. Eu quero ser bom. Não posso suportar a ideia de ter uma alma horrenda” (WILDE, 2014, p. 107).

Ele ainda completa ““Cultura e corrupção”, murmurou Dorian. “Conheci um pouco das duas. Agora me parece estranho que possam ser colocadas juntas. Pois eu tenho um novo ideal Harry. Eu vou mudar. Acho que já mudei”” (WILDE, 2014, p. 211). Dorian utiliza-se destes dois termos para resumir sua vida e o que ele já passou, partindo-se da definição de cultura como “o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, as manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade” (FERREIRA, 2000, p. 197); ele se refere à cultura como o momento em sua vida em que ele se preocupava em seguir as regras e ser uma pessoa bem vista em sociedade, ou seja, quando ele era visto como alguém ingênuo. Já a corrupção pode ser definida como “ato ou efeito de corromper; decomposição. Devassidão, depravação” (FERREIRA, 2000, p. 189). Em outras palavras, pode ser compreendida como aquele momento em que ele resolve dar vazão a tudo o que sente, e sua alma passa por uma transformação de pura para destruída ou em decomposição. Este novo ideal se une com o desejo de mudar seu passado, que por vezes ele menciona. Em uma destas ocasiões, Dorian Gray lamenta não ter se aberto para seu amigo mais antigo e ter-lhe pedido ajuda “lamentou não ter contado a Basil a verdadeira razão pela qual desejava esconder o quadro. Basil o teria

ajudado a resistir à influência de Lorde Henry, e às influências ainda mais venenosas que vinham de seu próprio temperamento” (WILDE, 2014, p. 137). Aqui Dorian admite que, embora Lorde Henry tenha um papel importante na destruição da sua alma, no fim ele apenas faz com que aquelas emoções que estiveram sempre presentes tenham uma resposta, pois apenas instiga Dorian Gray a fazer tudo o que ele quer fazer, sem se importar com mais nada.

Por fim, para expressar tudo o que passava dentro de si, Dorian resume em apenas uma frase: ““Cada um de nós tem o Céu e o Inferno dentro de si, Basil”, exclamou Dorian” (WILDE, 2014, p. 187). Neste caso existem duas formas de analisar esta frase. Se entendermos ela de maneira cristã, ele se refere ao superego quando menciona o Céu, pois é aquela instância que sofre influências de todos os valores que adquirimos durante nossa vida, sendo aqueles de nossos pais e também de nossas religiões; pode ser entendido assim pois seria aquela parte sem pecado, que não se permite ir contra nenhum dos ensinamentos recebidos. Neste mesmo viés, o inferno seria entendido, então, como o id, por ser aquela instância que está a todo momento em busca de respostas a tudo o que sente, ela não se importa com religião, ou nenhum fator externo, buscando apenas resposta imediata. Já a outra forma de entender essa frase, levando em consideração apenas o que Dorian Gray está sentindo, seria o oposto da primeira; enquanto na primeira o céu pode ser visto como a representação do superego, nesta poderia ser o contrário, e o céu seria, como mencionado muitas vezes nas religiões, o paraíso, ou seja o id, pois a partir do momento que se está sentindo algo e você não precisa reprimir, apenas permitir que aquele desejo seja satisfeito, isso representa o paraíso, porque nada o impede de ter o que quer. Neste caso, então, o superego seria o inferno, uma vez que tudo o que ele sente tem que ser reprimido, não se permitindo satisfazer nenhuma emoção sentida, pois isso seria como um inferno, uma vez que traria apenas sofrimento para o protagonista.

2 – O ID CONSCIENTE: LORDE HENRY WOTTON

É comum que em um romance, uma peça ou uma novela a pessoa mais citada e mais conhecida seja a personagem principal; normalmente é ela que traz os momentos mais marcantes da narrativa, através de situações vividas ou até mesmo em suas falas. Porém, o mesmo não pode ser dito de *O Retrato de Dorian Gray*, já que a personagem que possui o repertório mais icônico, conhecido e mencionado dentro da narrativa, e as frases mais marcantes do livro nos são apresentadas através da figura de lorde Henry Wotton.

Wilde, em sua obra, mobiliza três personagens com personalidades completamente diferentes. Como foi visto, Dorian seria aquela personagem que possui uma aparência quase angelical, com uma pureza imaculada. Já Lorde Henry Wotton, em alguns momentos mencionado apenas como Harry, que será explorado mais detalhadamente ao longo deste capítulo, seria o inverso, uma vez que, embora isso não seja evidenciado nas suas ações, é possível perceber em suas palavras.

Ao falar de Lorde Henry é pertinente destacar também o termo hedonismo, que pode ser definido como “tendência a considerar que o prazer individual e imediato é a finalidade da vida” (FERREIRA, 2000, p. 361), embora ele próprio não o tenha como sua filosofia de vida, é isso que ele busca através dos amigos, principalmente Dorian Gray. Lorde Henry acredita que é a partir da satisfação do prazer que finalmente encontra-se a felicidade, então ele tentará transmitir ao amigo mais jovem que não reprima nada do que sente ““Somos punidos pelas nossas recusas. Cada impulso que nos esforçamos para estrangular fica remoendo na mente e nos envenena”” (WILDE, 2014, p 39). Além de buscar fazer com que o amigo deseje viver tudo aquilo que está sentindo, ele ainda demonstra que, ao conter aquele sentimento, ele terá uma resposta negativa, e isso levaria a uma dor, o que vai de encontro ao que espera Lorde Henry, já que segundo Fortes (2009) a dor vai de encontro à ideia hedonista que busca viver o prazer e evitar o sofrimento.

Deste modo, levando em consideração a segunda tópica de Freud, mais especificamente o id, que assim como o superego, está ligado diretamente ao ego, enviando para ele todas as suas sensações, os desejos primitivos que possuímos

desde o nascimento, e que no futuro vão ser moldados pela sociedade e todas suas regras e normas. Nas palavras de Lima, o id seria como:

Um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente, constituindo o polo psicobiológico da personalidade. É considerado a reserva inconsciente dos desejos e impulsos de origem genética, voltados para a preservação e propagação da vida (LIMA, 2010).

O id, então, seria entendido como aquela instância que busca resposta imediata a todas as emoções sentidas, sem levar em consideração nenhum fator externo, buscando apenas satisfazer os prazeres e desejos carnis, por assim dizer. Freud (1976) compara a relação do ego com o id como sendo um cavaleiro e um cavalo, respectivamente. O cavaleiro seria responsável por controlar o cavalo, assim como o ego fará através da repressão àquele impulso, conduzindo o id de acordo com o que é possível naquele momento. Por isso o id seria o cavalo, que neste caso é controlado pelo ego, já que é este quem vai determinar se/quando dará atenção àquele estímulo.

Assim como o id se utiliza do ego para dar respostas ao que sente e expressar suas emoções, Lorde Henry Wotton busca fazê-lo através de Dorian Gray. Pode-se observar que Lorde Henry é um típico inglês, que é casado e participa de todas as convenções das quais um homem daquela sociedade participaria. Por exemplo, se ele se tratasse de um vizinho ou conhecido com o qual não se tem muita proximidade, com certeza o teríamos como aquelas pessoas que seguem à risca tudo o que é imposto, e é feliz assim. Em se tratando desta personagem a suposição seria totalmente errônea. Embora ele esteja em um casamento de fachada, que somente os mais íntimos e sua esposa percebem, e participa de bailes apenas o suficiente para marcar presença, ele não demonstra às pessoas ao seu redor o desagrado que tem por todas as regras sociais que lhe são impostas. É então a partir da amizade que cria com Dorian Gray que ele vai mostrar quem realmente é, e, ao mesmo tempo, transformar Dorian na criatura que ele próprio gostaria de ser.

As três instâncias, ego, id e superego, se comunicam entre si enviando uma às outras informações, as quais buscam ou a satisfação de algo ou então a repressão. No caso das personagens Lorde Henry e Basil, que são apenas representações, utilizam-se realmente da fala, para de alguma forma surtir algum efeito no ego, representado por Dorian Gray. Em alguns discursos, é possível perceber de forma

nítida essas representações. Em vários de seus extensos discursos, Wotton busca transformar Dorian em seu discípulo, porém, em vez de fazê-lo seguir seus passos, ele ensina a Dorian como viver uma vida completamente diferente, uma vida em que as regras só existam para serem quebradas, e que não haja arrependimento por algo que não foi vivido, como é possível encontrar no seguinte fragmento:

“Acredito que se um homem vivesse sua vida completa e plenamente, se desse forma a todo sentimento, expressão a todo pensamento, realidade a todo sonho, acredito que o mundo ganharia um impulso tão novo de alegria. [...] Todo impulso que nos esforçamos para estrangular fica remoendo na mente e nos envenena. O corpo peca uma vez, e acaba com o pecado, pois a ação é uma forma de purificação. Nada permanece, a não ser a lembrança de um prazer, ou o luxo de um arrependimento. A única maneira de livrar-se de uma tentação é ceder a ela. Resista, e sua alma ficará doente de anseio pelas coisas que ela proibiu a si mesma, pelo desejo por aquilo que suas leis monstruosas tornaram monstruoso e ilegal” (WILDE, 2014, p. 39).

Nesta fala de Lorde Henry é possível perceber que para ele a vida que todas as pessoas definem como certa, como a que deve-se seguir é enfadonha, sem graça, uma vez que, segundo ele, o ato de não permitir satisfazer ao pecado só trará más consequências. Ele contrapõe um ensinamento que é pregado pelo cristianismo, haja vista que, enquanto as religiões ensinam que você deve se impedir de pecar, pois o pecado só fará com que sua alma apodreça, Lorde Henry argumenta que a partir da ação em si é que haverá a purificação da alma.

Para Wotton, seria possível, sobretudo na juventude, viver tudo o que se deseja, sem arrependimentos, já que seriam, como ele mesmo menciona, os dias de ouro, e este é mais um motivo para Dorian ser a pessoa mais adequada para viver do jeito que muitos querem, mas que poucos estão dispostos. Compreende-se que a juventude é, na verdade, aquele momento da vida em que subentende-se que tudo permitido e que se está inclinado a experimentar tudo, porque esta é aquela fase em que se está conhecendo o mundo e como ele funciona. Também é nessa fase em que é mais comum ser influenciado, visto que é nesse momento que o ser humano quer se mostrar independente e por isso quer ir contra os pais e os seus ensinamentos, sendo assim mais fácil de se deixar conduzir por aquelas pessoas que lhe mostram uma forma diferente de viver. E levando em consideração a segunda tópica de Freud, é aquele momento em que os impulsos estão mais aflorados, facilitando assim o papel do id, que é enviar ao ego o que ele sente, e buscar fazer com que este exprima-os:

“Dê valor à sua juventude enquanto a tem. Não desperdice o ouro dos seus dias ouvindo aos tediosos, tentando melhorar os fracassados sem esperança, ou desperdiçando sua vida com os ignorantes, os comuns e os vulgares: são estes os objetivos, os falsos ideais do nosso tempo. Viva! Viva a vida maravilhosa que há em si! Não deixe que nada seja perdido. Procure sempre novas sensações. Não tenha medo de nada” (WILDE, 2014, p. 45)

Durante todo o romance encontramos conselhos de Wotton para o amigo, sempre deixando claro o tipo de vida que Dorian Gray precisa ter. Embora em alguns momentos possa ser percebida alguma resistência por parte do protagonista, um desejo de não se deixar mais influenciar, ou até de voltar a ser aquela pessoa pura de antes, Lorde Henry mantém o argumento e pede ao amigo para permanecer igual, já que para ele, Dorian é “perfeito”¹ do jeito que é, com a vida perfeita, vivendo sem arrependimento. Para Wotton, não há motivo para mudar, e ele deixa isso claro em um dos encontros com o amigo: ““Não há nenhuma vantagem em me dizer que você vai mudar, Dorian” [...] “Você é perfeito. Eu lhe peço, não mude”” (WILDE, 2014, p. 211). Neste momento Wotton se utiliza da sua oratória que tanto poder tem sobre o amigo para impedi-lo de mudar, uma vez que, segundo ele, não há motivo para se tornar uma pessoa boa, já que ser bom é sinônimo de fraqueza, de se deixar ser guiado pela sociedade e tudo que o cerca. Dorian nunca viveu assim, pelo menos não depois que o conheceu, e ele não podia aceitar que o amigo mudasse de uma hora para outra. O Id, que é a instância que não possui regra e que não se deixa levar por nenhum fator externo, ou seja, nada o faz desistir de ter o que deseja, percebe-se por um momento perdendo o poder que exerce sobre o ego, então usa de toda a argumentação necessária para manter-se à frente do superego e continuar, assim, de alguma maneira, dominando o ego.

Freud traz uma ideia que pode facilitar a compreensão, além de diferenciar as instâncias ego e id. Para ele:

O ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões (FREUD, 1976, p. 15).

¹ Embora Dorian Gray, enquanto personagem cuja beleza é evidenciada através de um retrato pintado, o adjetivo soa um tanto exagerado. No plano ficcional, ele é muito belo o que é reconhecido pelos que o rodeiam, ao ponto de a personagem Lorde Henry se utilizar deste adjetivo para defini-la.

Com essa afirmação, mais uma vez compreende-se a ideia de que o id é responsável por enviar ao ego a informação a respeito daquele estímulo para que este finalmente permita-o satisfazer, porém, obviamente, algumas vezes não é possível que o ego consinta isto, justamente por se tratar daquela instância, que diferentemente do id que contém as paixões, consiste na razão e no senso comum. Desta forma, ele consegue determinar quando é o melhor momento para cada ação, para permitir ou reprimir cada emoção. Em uma de suas falas, Lorde Henry lamenta a ideia de o homem ser definido como ser racional, deixando claro que ele mesmo desacredita da veracidade desta expressão, visto que para ele o homem é movido pelas sensações, pelo prazer e por todas as coisas relacionadas, e até mesmo confessa que é grato pelo fato de o homem não ser racional:

“Não gosto de prazeres simples”, disse Lorde Henry. “Eu não gosto de cenas, exceto no palco. Que sujeitos absurdos vocês são, os dois! Pergunto-me quem foi que definiu o homem como um animal racional. É a definição mais prematura jamais formulada. O homem é muitas coisas, mas não é racional. Fico contente que não seja, afinal de contas” (WILDE, 2014, p. 51).

É fato que Lorde Henry Wotton é a personificação do id, e que em cada uma de suas palavras é possível perceber um pouco da sua personalidade e das ideias que vão totalmente contra o que é passado pelos pais, professores e todas as pessoas que exercem algum poder sobre outros indivíduos. Sendo assim é perceptível que isso vai de encontro ao superego que vive reprimido pela influência dos demais, questão que será explorada no capítulo seguinte, e se ele se opõe ao superego, para o id tudo o que for errado e chocante demais para o superego será atraente e tentador para si, fazendo-o desejar sentir e viver aquilo. O superego, portanto, trata-se da instância que está ligada diretamente às religiões e “repressões” pregadas por elas. Então como o id se trata do oposto, para ele o pecado é algo atraente, é o que há de mais colorido no mundo: ““Sim”, respondeu Lorde Henry com ar sonhador, “os trajes de nossa época são detestáveis. São tão sombrios, tão deprimentes. O pecado é o único elemento colorido que restou na vida moderna”” (WILDE, 2014, p. 53).

Ele ainda debocha de Dorian, quando por um momento este deseja voltar atrás e se tornar uma pessoa diferente:

“Meu caro rapaz, você realmente está começando a ser moralista. Logo vai estar por aí alertando as pessoas contra todos os pecados

dos quais se cansou. Você é encantador demais para isso. Além do mais, é inútil. Você e eu somos o que somos, e seremos o que seremos” (WILDE, 2014, p. 217-219).

Na conversa que antecede este trecho, Dorian demonstra seu desejo de mudar e se tornar uma pessoa melhor; ele não quer mais olhar o quadro e perceber uma alma horrenda. A fala de Harry nada mais é do que uma demonstração de que aquela vida é realmente a vida de Dorian, ele é aquela coisa horrorosa que vê no quadro, e que Henry nem sequer tem conhecimento. Na verdade, esta é a essência de Dorian, não adianta o quanto ele deseje mudar, deve aceitar ser quem é, e é isso o que Lorde Henry deixa claro para o amigo. Ainda por cima, para fazê-lo desistir dessa ideia que ele acha absurda, Lorde Henry elogia o jeito de ser do amigo, como ele faz frequentemente, deixando claro que ir contra a sociedade é ser encantador, e que uma vida assim deve ser aproveitada.

Desde o início da obra, a todo momento Henry busca as palavras certas, as quais ele sabe perfeitamente que terão o efeito esperado no jovem rapaz. Elogios e jogo de palavras são algumas das estratégias de Lorde Henry para conquistar primeiramente a confiança e por fim exercer algum poder sobre o até então ingênuo Dorian Gray. Isso é admitido através da voz narrativa que, aproximadamente na metade da obra, comprova de forma descritiva o que já era percebido de maneira indireta nas demais falas: ““É uma questão interessante”, disse Lorde Henry, que sentia um prazer refinado em jogar com a egolatria inconsciente do rapaz” (WILDE, 2014, p. 113).

O id e o ego, como mencionado diversas vezes, não estão desconectados entre si, pelo contrário, tratam-se de duas instâncias, além do superego, que não possuem um momento de separação, elas se conectam a ponto de uma sentir o que a outra sente. Isso quer dizer que aquela emoção não é apenas parte do id, este apenas não possui na sua essência uma interferência externa como o ego. Da mesma forma que é possível observar essa ligação através das instâncias, podemos entendê-las ao analisarmos as personagens que são suas personificações. Em outras palavras, não se pode dizer que Lorde Henry Wotton é o responsável pela degradação da alma de Dorian, e que aquele jovem que emanava pureza foi corrompido pelo amigo sem que em sua essência existisse aquele instinto, desejo de viver uma vida desregrada, Henry apenas despertou aquilo que já estava presente em Dorian Gray, mas que estava

sendo reprimido total e completamente por interferência do superego. Pode-se, por fim, dizer que Dorian é apenas o resultado de uma batalha entre duas forças que exercem certo poder sobre si. No fim é mais uma disputa entre o id e superego para saber qual dos dois é mais forte.

3 – SUPEREGO E A CONTENÇÃO: BASIL HALLWARD

The Picture of Dorian Gray [O Retrato de Dorian Gray] pode ser visualizado também como um romance que retrata as duas faces de nós mesmos. Estamos a cada momento mudando, seja de acordo com a sociedade em que vivemos ou com os ensinamentos gerais que recebemos, e também costumamos nos adaptar ao ambiente que mais frequentamos, fato que é facilmente identificado no romance. Existem, na obra, duas forças, Basil Hallward, um artista que, diferentemente dos daquela época, segue à risca as normas que lhe são impostas, tanto as de esfera social quanto religiosa, e Lorde Henry Wotton, um aristocrata que encontra-se em um casamento de aparência e que pensa que as regras existem apenas para serem quebradas. Dorian seria, então, aquele ponto de encontro entre estas duas forças, e ambas tentarão conduzi-lo para o caminho que cada uma acha mais correto ou agradável.

Já foi visto que as personagens são como que representações do ser humano, e que é a partir delas que todos os eventos acontecerão; também já foi discutida a questão de confundirem as personagens de ficção como sendo seres reais, o que não são. Mas tendo como base o texto de Candido (2009), há algumas informações importantes a serem apresentadas. Uma delas diz respeito à personagem que é o foco deste capítulo. Embora as personagens não sejam pessoas reais, elas fazem parte da imaginação do autor, e existem aquelas que realmente são inspiradas em pessoas reais, como bem resume Candido a respeito da ideia de Mauriac “elas [as personagens] não *correspondem* a pessoas vivas, mas *nascem* delas” (CANDIDO, 2009, p. 63). Uma atenção especial deve ser dada ao termo utilizado, pois ao se falar em ser inspirada entende-se que ambos, personagem e ser humano, terão alguns traços em comum, seja na aparência, alguma especificidade na personalidade ou até mesmo a profissão:

Personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta, — seja interior, seja exterior. O caso da experiência interior é o da personagem *projetada*, em que o escritor incorpora a sua vivência, os seus sentimentos [...]. O caso da experiência exterior é o da transposição de pessoas com as quais o romancista teve contato direto (CANDIDO, 2009, p. 66).

Pensando então desta maneira, no presente romance tal fato também acontece, uma vez que tanto a personagem como o enredo em si partem de um acontecimento vivenciado por Wilde aproximadamente em 1884. De acordo com o prefácio à edição brasileira da presente obra (2014), Oscar Wilde estava visitando um amigo em seu estúdio, o qual era pintor e se chamava Basil Ward. Este estava retratando um jovem modelo de bela aparência, quando o próprio Wilde teria comentado, lamentando que tão belo quadro permanecesse intacto com o passar do tempo e o rapaz que envelheceria. O pintor, por sua vez, teria respondido, comentando o quão maravilhoso seria que o modelo pudesse, por toda sua vida, permanecer daquele jeito e o quadro que sofresse com as marcas do tempo. Levando em consideração que a obra ficcionaliza um acontecimento exatamente como este, uma vez que a história inicia-se a partir daí, não há nenhuma dúvida de que o autor se inspirou neste acontecimento para compor o enredo do seu romance. Outro aspecto que pode ser percebido é o fato de Oscar Wilde se utilizar do nome e da profissão do amigo para criar a personagem que tem tanta importância na narrativa. A personagem possui o mesmo nome que o amigo, seus sobrenomes se diferem em apenas quatro letras, e ambos são pintores, o que prova que realmente houve o que Candido (2009), embasando-se em Mauriac, chama de personagens que nascem de outras, mas não são realmente elas.

Como apresentado nos capítulos anteriores, a segunda tópica de Freud conta com a divisão do aparelho psíquico em três partes que, embora sejam completamente diferentes, não estão separadas uma das outras. Observamos que o ego se trata daquela instância que sofre influências das demais e possui a função de definir quando e se determinada ação deve ser atendida, enquanto o id seria responsável por enviar ao ego as emoções sentidas, emoções estas de ordem primitiva, ou seja, aqueles desejos e prazeres relacionados à propagação da vida. Neste capítulo, porém, será mais explorada a terceira instância, o superego, que funciona como o oposto do id e é representada pela personagem Basil Hallward.

O superego trata-se da instância que se contrapõe completamente ao id, pois enquanto o id tudo permite, por não sofrer nenhuma intervenção do externo, o superego tudo reprime, já que a influência sofrida foi tamanha que foi internalizada e será levada consigo durante toda a vida. Freud explica, então, que “o superego é aí mostrado como derivado de uma transformação das primitivas catexias objetais da

criança em identificações: ele toma o lugar do complexo de Édipo” (FREUD, 1976, p.7). O complexo de Édipo é um termo usado por Freud para explicar a sexualidade infantil masculina com a mãe. Então o superego seria o resultado das proibições sofridas pelo indivíduo, que num primeiro momento da vida terá como autoridade os pais, mas depois tal autoridade será direcionada aos professores, por exemplo, durante o período escolar:

À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego e continuam, sob a forma de consciência (*conscience*), a exercer a censura moral. A tensão entre as exigências da consciência e os desempenhos concretos do ego é experimentada como sentimento de culpa (FREUD, 1976, p.22).

Ao se fazer, então, uma relação com a obra analisada, é possível observar nas falas e atitudes Basil Hallward, uma representação forte desta instância. O superego está totalmente conectado com as demais instâncias, assim como a personagem mencionada e seus amigos Dorian Gray e Lorde Henry Wotton que já foram exploradas como personificações da segunda tópica freudiana, e justamente por estarem ligadas entre si, sentem a mesma coisa que as demais, como é possível observar no início da obra:

Enquanto ele olhava para a figura graciosa e agradável que havia refletido em sua arte com tanta habilidade, um sorriso de prazer cruzou seu rosto, parecendo demorar-se ali. Mas ele de repente teve um sobressalto e, fechando os olhos, pôs os dedos sobre as pálpebras, como se buscasse aprisionar dentro do cérebro algum sonho curioso do qual receava despertar (WILDE, 2014, p. 15).

Existem dois pontos cruciais nesta passagem, os quais já foram mencionados anteriormente. O primeiro é o fato de que, como estão conectadas entre si, as sensações para as quais o id tanto busca resposta imediata também são sentidas pelo superego; o segundo ponto, que vai complementar a ideia do primeiro é que, mesmo sentindo isso, por ser aquela instância que, por ter sofrido e ainda sofrer influência de tudo aquilo que representa autoridade, aprendeu, durante sua vida a reprimir todas as sensações que de certa forma são vistas como negativas, e sendo assim, aplicando em tudo a sua volta essa repressão. Basil, aqui, sente prazer em observar determinado objeto, sentindo assim a mesma emoção que o id, porém rapidamente busca tirar aquilo de si, aprisionando-a de modo a nunca deixá-la transparecer

novamente, assim como é o papel do superego, que é buscar fazer com que o ego não dê forma àquele desejo.

Não é novidade o quanto o id é capaz de influenciar os outros, e o próprio Basil tem consciência do poder que Lorde Henry exerce sobre as pessoas, o que em alguns momentos ele até menciona em suas falas, “[...] E agora, Dorian, suba na plataforma e não se movimente muito, nem preste a menor atenção ao que Lorde Henry diz. Ele exerce uma péssima influência sobre todos os seus amigos, com exceção de mim” (WILDE, 2014, p. 37). Por este motivo ele é receoso em relação a apresentar Dorian ao amigo, por medo de este acabar se tornando uma pessoa completamente diferente e perder toda a pureza que é característica do mais novo. Sendo assim, antes mesmo de Basil Hallward apresentar o amigo a Lorde Henry, ele pede que não o influencie, não coloque na cabeça de Dorian coisas que de certa forma apenas o corrompam, pois para ele a pureza e inocência de Dorian Gray correm risco se for permitido uma aproximação entre Lorde Henry e ele. Então, aproveitando-se da proximidade, e por um momento acreditando no bom senso e na força da amizade deles, Basil faz um último pedido a Harry antes que este chegue a se encontrar com Dorian:

Então olhou para Lorde Henry. “Dorian Gray é um amigo muito querido”, disse. “Ele tem uma natureza simples e bela. Sua tia tinha toda razão no que disse sobre ele. Não o estrague. Não tente influenciá-lo. Sua influência seria ruim. O mundo é grande, e tem muita gente maravilhosa nele. Não tire de mim a única pessoa que torna minha vida absolutamente adorável, e que dá à minha arte o mistério ou encanto que ela tem, seja qual for. Lembre-se, Harry, confio em você (WILDE, 2014, p. 31-33).

A resposta a este pedido já está presente neste estudo, e é a partir daí que o trabalho do superego aumenta, uma vez que ele terá que lutar para interferir na influência do id sobre o ego, e tentar acessar a parte racional deste, fazendo-o deixar de lado a parte das paixões que só servirão de problema e tornarão a alma de Dorian horrenda.

Mesmo tendo feito o pedido ao amigo, Basil tem plena consciência de que isto nada representa para ele, e conhecendo o seu poder de conquistar as pessoas ao seu redor e saber fazer um bom trabalho com sua oratória, Basil presta atenção nas atitudes do amigo mais jovem, para que no exato momento em que ele perceba determinada mudança, busque lembrá-lo do seu lado racional, de modo a impedir que as palavras de Lorde Henry cheguem até ele e tenham alguma força sobre si. Em um

momento, o primeiro perceptível, para ser mais exato, da mudança de Dorian Gray, Basil rapidamente tenta interferir, para que o amigo não escute uma só palavra de Lorde Henry: “Não sei o que Harry andou dizendo a você, mas certamente o fez adquirir a mais maravilhosa expressão. Suponho que ele o andou elogiando. Você não deve acreditar em uma só palavra do que ele diz” (WILDE, 2014, p. 41). Embora no romance fique claro que Basil estivesse muito absorto na pintura que não conseguia prestar atenção em uma palavra sequer dos amigos, ele percebeu, através da mudança da expressão de Dorian, que Harry de certa forma tinha dito algo que mexeu com o mais novo, a ponto de este demonstrar algo em sua face que nunca o havia feito.

Após o primeiro momento de mudança de Dorian, aconteceram vários outros, e aos poucos Basil foi percebendo que estava ficando em desvantagem, e isso o assustava, primeiramente pela adoração que sentia por Dorian e também pelo que a aproximação dos dois amigos poderia causar à alma do jovem rapaz. Na noite do primeiro contato entre eles, ambos deveriam ir ao teatro, mas Basil não estava à vontade de ir ou permitir que o amigo fosse, e então pediu: “‘Não vá ao teatro hoje à noite, Dorian’, disse Hallward. ‘Fique e jante comigo’” (WILDE, 2014, p. 53), ao que Dorian respondeu que não o podia, pois já havia prometido. Basil, então, decidiu recorrer uma última vez ao mais velho, reforçando o pedido feito no início daquele dia: “Lembre-se do que eu lhe pedi, quando estávamos no jardim esta manhã” (WILDE, 2014, p. 55), e para provar que não haveria pedido que o fizesse desistir de transformar Dorian naquele homem que ele tanto ansiava, mas não se permitia, ele respondeu: “Eu já o esqueci” (WILDE, 2014, p. 55). Dito isso, Basil percebeu que não haveria ninguém além dele mesmo para ajudar Dorian a permanecer do jeito que era, e que se ele não agisse logo, o rapaz que ele tanto adorava mudaria de modo a se tornar irreconhecível, como realmente aconteceu.

Já foi mencionado que o superego é aquela parte da nossa mente que sofreu influência externa e utiliza-se desta para reprimir todas as pulsões de ordem primitiva de nós mesmos. Ela é resultado das proibições que recebemos durante toda nossa vida (FREUD, 1976), mas também resulta de todas as normas e regras que regem o ser humano, sejam elas de ordem social ou religiosa, e por isso ela busca fazer o mesmo com o ego e o id. Portanto, o trabalho do superego terá resultado ou não dependendo do quão aberto a aceitar isso estão ambas as instâncias. Basil assim o

faz, e durante seus últimos momentos presentes no romance, ele ainda busca exercer uma força, mesmo que pequena, que faça Dorian mudar, e talvez assim voltar a ser aquela pessoa pela qual se apaixonou, aquele jovem puro e cheio de vida e não mais esse monstro que possui apenas uma carcaça, que é difícil até mesmo de olhar:

“Quero que você leve uma vida que faça o mundo respeitá-lo. Quero que tenha um nome limpo, e uma reputação honrosa. Quero que se livre das pessoas horríveis com quem se relaciona. Não dê de ombros desse jeito. Não seja tão indiferente. Você tem uma capacidade de influência maravilhosa. Que ela seja para o bem e não para o mal. Dizem que você corrompe todos de quem se torna íntimo, e que basta entrar em uma casa para que algum tipo de vergonha entre atrás de você [...]” (WILDE, 2014, p. 179).

Todos nós nascemos com pulsões, e Freud (apud ROUDINESCO, 1994) nomeia-as de pulsões de vida e morte, ou seja, todos nós temos um lado bom e também um lado sombrio. Com o passar dos tempos, com o acesso à civilização e quando vamos envelhecendo, nós lapidamos esses instintos, como Freud apresenta:

“em vez de enraizar o mal na ordem natural do mundo e de fazer da animalidade do homem sinal de uma inferioridade insuperável, preferiu sustentar que apenas o acesso à cultura permite a arrancar a humanidade da sua própria pulsão de destruição” (apud ROUDINESCO, 1994, p. 99).

Em muitos momentos o truncamos no íntimo de nós mesmos e não nos permitimos acessá-lo. O superego é, então, aquele que esconde esse lado ruim de si mesmo, porquanto podemos observar que nada que dê alguma forma de vida a essa pulsão é permitida por ele. Basil tentou fazer isso com Dorian, quando em um último momento apelou para o seu lado bom, tentando fazê-lo acessar esse lado seu, uma vez que ele fez o contrário, permitiu-se viver aquilo que é tido como ruim, deixando sua face ruim ter controle sobre si e trancafiou a boa, de modo a ser possível perceber alguma beleza apenas em sua aparência.

A repressão do superego é motivada a partir de vários fatores, um deles é advindo da própria sociedade vitoriana, que como nos é apresentado por Santana e Senko (2016): “os limites impostos por uma sociedade extremamente fiscalizadora da moral e dos bons costumes” (SANTANA e SENKO, 2016, p. 191). Junto ao conservadorismo vitoriano estão algumas crenças religiosas, as quais também buscam conter os sentimentos. O superego, por sua vez, também foi modificado através delas, levando em consideração principalmente o que é ensinado como

pecado, ou seja, se algo de alguma forma não é visto como bom pela religião, se a prática daquilo é considerada pecado, é imediatamente impedido de ser vivido ou sentido pelo superego. Pensando então na personagem que o representa, Basil, em vários momentos é perceptível que essas normas cristãs estão intrinsecamente presentes em sua vida, em suas ações e principalmente em suas palavras, e na maioria das vezes, senão em todas, direcionadas em formato de ensinamento a Dorian. Ao perceber que o amigo está cada vez mais dependente das palavras de Lorde Henry, sendo praticamente um discípulo deste, Basil vai até a casa de Dorian para, num primeiro momento, descobrir se as coisas horrendas que estão fazendo ao amigo mais jovem são verdades e para tentar fazê-lo mudar, e lutar contra essa influência tão poderosa de Lorde Henry. Ao ser questionado se os boatos acerca de si são verdadeiros, Dorian Gray nem sequer responde, porém quando o Basil menciona desejar ver a alma do amigo para ser realmente capaz de conhecê-lo, Dorian responde: “[...] “Vou te mostrar a minha alma. Você verá aquilo que imagina que só Deus possa ver”” (WILDE, 2014, p. 181). Basil fica horrorizado com esse tipo de resposta, pois para ele isso é um tipo de blasfêmia e nunca, em hipótese alguma, deve-se brincar com Deus; então ele repreende o amigo, ainda assustado com a resposta recebida: “Hallward recuou. “Isso é blasfêmia, Dorian!” exclamou. “Você não deve dizer coisas assim. Elas são horríveis, e não significam nada”” (WILDE, 2014, p. 181).

Neste momento, embora Basil tenha plena consciência de que suas palavras não possuem, para Dorian, o mesmo peso que as do mais velho, ele ainda busca fazer com que o jovem acesse aquela parte de si a qual contém tudo de bom que lhe foi ensinado, mas sua alma está de certa forma tão corrompida que não há mais nada a ser feito, e foi este o choque de Basil ao olhar para a figura horrenda no quadro que certo dia pintara e ficara maravilhado com tamanha beleza:

“Dorian, isso é horrível! Alguma coisa o mudou completamente. Você parece exatamente o mesmo rapaz maravilhoso que, dia após dia, costumava vir ao meu estúdio posar para o próprio retrato. Mas naquela época você era simples, natural e afetuoso. Era a criatura mais imaculada do mundo. Agora, não sei o que aconteceu com você. Fala como se não tivesse coração, nem qualquer piedade. É tudo influência do Harry. Estou vendo isso” (WILDE, 2014, p. 123).

Com o medo que sentiu ao visualizar aquele monstro e a tristeza pela alma do amigo, ele faz um último apelo a Dorian, mais uma vez se segurando na religião e na

misericórdia que sempre lhe foi ensinado que Deus possui. Ele chorou e, murmurando, pediu que o amigo repetisse aquela oração que sempre lhes foi ensinada:

“Reze, Dorian, reze”, murmurou ele. “O que era mesmo que nos ensinaram a dizer quando éramos meninos? ‘Não nos deixeis cair em tentação. Perdoai os nossos pecados. Livrai-nos do mal.’ Vamos repetir isso juntos. A prece do seu orgulho foi atendida. A prece do seu arrependimento também será. Eu o venerarei demais. Fui punido por isso. Você se venerou demais. Ambos fomos punidos” (WILDE, 2014, p. 189).

A partir deste momento, o ego não se deixa mais influenciar pelo superego, e isso nos é apresentado no romance, fazendo uma analogia à morte. Quando Dorian mata o amigo pintor, ele está se entregando totalmente aos desejos do id, já Basil que representa o superego, e que desde o início percebe que não possui o mesmo peso sobre o ego como o id, perde totalmente até mesmo o direito de lutar por tudo o que lhe foi ensinado. O que se pode compreender é que, até seus últimos momentos, Basil cumpriu bem seu papel, haja vista que ele buscou aplicar toda a influência do externo no jovem rapaz, embora seus esforços não tenham sido suficientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura e análise de *The Picture of Dorian Gray* [*O Retrato de Dorian Gray*] foi possível perceber que se trata de um romance que consegue prender o leitor do início ao fim da narrativa, com uma temática que reflete principalmente o movimento do qual o autor faz parte, o Esteticismo, tratando da beleza que é o tema central da história, já que é a partir da ideia do belo que o enredo vai se desenrolar, além das críticas e principalmente das personagens com as quais diversas vezes nos identificamos. Não é de se admirar que sua obra, com mais de um século após a primeira publicação, ainda seja objeto contínuo de pesquisas, sendo estas dentro de diversas temáticas e nas mais variadas áreas.

A decisão pelo *corpus* da pesquisa não foi algo difícil, uma vez que a obra chamou a atenção desde o exato momento em que nos foi dada a oportunidade de lê-la. É importante frisar que, no início, pensar em qual temática dentro da obra que poderia se analisar foi o mais preocupante, uma vez que se trata de uma obra tão ampla, em relação a material para estudo, mas no momento em que foram apresentados os termos ego e superego, conseguiu-se fazer uma relação quase que imediata às personagens deste romance, então, partindo para uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, foi possível encontrar diversas características semelhantes e, sendo assim, tornou-se impossível não se apaixonar pela ideia de unir a literatura com a psicanálise. Alguns termos freudianos foram realmente complicados, sobretudo no início, visto que, até o momento, não possuía muito conhecimento na área. Por esta razão, tornou-se imprescindível buscar auxílio nos estudos de Jolibert (2010) que, ao trazer em sua obra 'Sigmund Freud', além de definições, algumas explicações a respeito da segunda tópica freudiana, conseguiu esclarecer muitas dúvidas que foram surgindo ao longo do desenvolvimento das pesquisas.

Foi, então, a partir da curiosidade que foi instigada que a pesquisa realmente teve início. Partindo da ideia de unir a literatura com a psicanálise, alguns quesitos foram levados em consideração, como por exemplo a questão da análise da categoria personagem, uma vez que a fundamentação não poderia iniciar trazendo apenas a teoria freudiana sem um ponto de partida específico. Pensando assim, neste momento fez-se necessário o auxílio de dois pesquisadores e críticos, Candido (2009) e

Eagleton (2027), os quais contribuíram muito, através de seus trabalhos com estudos sobre o elemento Personagem, já que a pesquisa teve como objetivo geral a análise de tal, com suas características e tipologias, como é o caso do protagonista Dorian Gray que é uma personagem redonda, ou seja, passa por uma mudança significativa ao longo do enredo. Porém, desde o início, a curiosidade é de saber como relacionar as personagens com a segunda tópica de Freud, tendo então, por esse motivo, como objetivo específico analisar as personagens, através dos diálogos e ações das mesmas, além de suas semelhanças à teoria, podendo assim compreendê-las como representações humanas das instâncias psíquicas.

Uma vez que a ideia do objeto de pesquisa tenha surgido após o contato, mesmo que sucinto, com a teoria, foi de certa forma fácil localizar os momentos do romance em que as características das personagens se assemelhavam às das instâncias, e pode-se dizer que, durante toda a narrativa é possível perceber traços delas nas personagens, desde a primeira página do romance, através da personagem Basil Hallward, quando esta busca reprimir, assim como faz o superego, qualquer sensação que fosse, de certa forma, ao encontro do moralismo e das normas vitorianas, e continua até os últimos momentos do romance através das demais personagens, pregando e vivendo o hedonismo.

A psicanálise possui um campo muito amplo de estudo, e por esta razão seria impossível, em um único trabalho, discorrer sobre todos eles. A segunda tópica de Freud é apenas um dos estudos freudianos, que assim como o presente, segue apenas uma linha psicanalítica. Então, compreendendo essa questão, em alguns momentos do trabalho foram citados rapidamente determinados termos da psicanálise que poderiam ser melhor explorados em outros trabalhos, como a pulsão de vida e de morte e até mesmo o hedonismo, os quais são mencionados e apresentam apenas uma definição superficial na pesquisa, mas que poderiam ser objetos principais de análise em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: 5^a ed. Ouro sobre Azul, 2005.

CANDIDO, A. (Org.). **A personagem de Ficção**. São Paulo/SP: Perspectiva, 2009.

DURÃO, F, A. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2020.

EAGLETON, T. **1943 - Como ler literatura** / Terry Eagleton; tradução Denise Bottmann. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: O minidicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. Ampliada. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000.

FORTES, I. **A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. 9, p. 29-40, 2009.

FREUD, S. **O ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago; 1976.

JOLIBERT, B. **Sigmund Freud** / Bernard Jolibert; tradução: Elaine Teresinha Dal Mas Dias. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LIMA, A. P. **O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia**. ARCHIVES OF CLINICAL PSYCHIATRY (SÃO PAULO), v. 37, p. 280-287, 2010.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L, G. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ROUDINESCO, E. **A Parte Obscura de Nós Mesmos: Uma História dos Perversos**. Tradução de André Telles; revisão técnica de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANTANA, L. W. A; SENKO, E. C. **Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX.** Revista Diálogos Mediterrânicos, v. 10, p. 7-224, 2016.

WILDE, O. **Lady Windermere's fan.** In **The complete works of Oscar Wilde.** Hastings. Delphi Classics: 2013. p. 234-324.

WILDE, O. **O Retrato de Dorian Gray: Primeira versão de 1890 = The Picture of Dorian Gray / Oscar Wilde** : Tradução e notas Doris Goettems – São Paulo : Editora Landmark, 2014.